

A Educação vive não porque viveu. A Educação vivifica porque vive um ensino-ensinante; um ensino que se ensina, mais do que ensina aos outros. Um ensino-aprendente, fraterno, que não se compraz na insensibilidade do apenas aprender e nem na imobilidade do já aprendido.

Educação-educante, ensino-ensinante e aprender-aprendente!

Nos três participios presentes - *educante, ensinante, aprendente* - o participio, sendo uma forma nominal do verbo, está a dizer que tanto o sujeito-educador, o professor, quanto o sujeito-aprendente, o aluno, são e *estão* numa situação fraterna de participantes da mesma ação e ao mesmo tempo. Não apenas sujeitos que a integralizam, mas agentes que se incorporam no próprio gesto de realizá-la.

E são três participios, três participações presentes, continuadas, permanentes, permanentes.

Na dinâmica do mundo moderno, em que a velocidade do tempo elimina o rosto do sujeito para se fixar no gesto do produto, é preciso que a Educação não se contente apenas com o educar-educado do educador, com o saber-sabido do professor e com o aprender-aprendido do aluno.

É preciso que elas, as escolas, mais o professor e o aluno, comunguem o saber-sabente na fraterna aprendizagem-aprendente. Saber e aprendizagem não se satisfazem com o pensar-pensado e com o saber-aprendido.

Na era da informática e da realidade virtual, no hoje do amanhã e no amanhã do hoje, o saber tem que se tornar sabente e a aprendizagem, aprendizante. Ambos, instauradores do Novo, do Outro, do Risco.

O saber repetido é um saber apodrecido; o saber-sabente é um saber-semente ao cair na terra boa da comunhão para dar mil frutos por um. O saber-sabente gera uma educação-educante enquanto

berra uma reflexão que barra as ideologias que destroem.

Se para os latinos *repetitio mater studiorum*, para os modernos, *repetitio mater stultorum*. Estivessem as Indústrias Hering repetindo a produção dos mesmos tecidos de há 100 anos, estariam fechadas há, pelo menos, duzentos.

3. A FRATERNIZAÇÃO

A Filosofia da Educação, a abertura do novo Milênio e, agora, o tema da Campanha da Fraternidade, proclamam que o gesto de educar(-se) incorpora a dinâmica de dois princípios.

Na dimensão de quem aprende, "o aprendiz é um outro eu". Com isto, a pretensa posição "eu sei, você não sabe" é substituída pela composição "vamos aprender juntos". Na linha do tema a ser aprendido, o hipotético objetivo "você vai saber o que eu sei" cede lugar ao permanente desafio de alimentar o processo "você vai saber o que eu não sabia".

O caminho de Emaús é hoje. E o Mestre, tal como ontem, já não está mais.

*"Saber e
aprendizagem não
se satisfazem com o
pensar-pensado e
com o saber-
aprendido"*

*O autor é Professor de Filosofia da Educação na UDESC

Fraternidade e Educação

Uma Quase-Crônica Teológica sobre a Educação da Fé

Pe. Hélcion Ribeiro*

A

revista ENCONTROS TEOLÓGICOS há bastante tempo propõe a cada ano um número monográfico sobre a Campanha da Fraternidade em curso. Professores e alunos do ITESC, e outros, refletem e escrevem sobre o

tema. Compareço entre eles, com esta quase-crônica teológica, sem o rigor científico, nem notas e citações, apenas indicando os textos bíblicos de que me valho. É bem verdade que o tema "Educação da Fé" merece um enfoque mais profundo. Preferi, todavia, de modo mais simples, ousar ver Jesus e, contemplando-o em

dois momentos, meditar, nesta quase-crônica, sobre o assunto.

1. JESUS EDUCA COM A ESCRITURA

O fato era este: três homens foram mortos, sob a pressionada aquiescência do governo. É certo, diziam, dois deles tinham lá sua culpa: eram ladrões. Já julgados e condenados, aguardavam a execução. Vamos, porém, deixá-los à parte, pois interessa-nos o terceiro. Seu caso era diferente, nitidamente diferente! Por parte dos judeus, fora julgado atropeladamente e deveria ser linchado, apedrejado. Mas o medo dos romanos exigia cautela: era necessário um julgamento mais formal. Afinal, nesse tempo, as etnias do Império ainda não tinham amadurecido para o direito do réu, nem para os processos jurídicos - coisas em que os romanos já faziam escola havia tempo. Pilatos percebeu a iniquidade criada e tentou convencer os chefes judeus, fazendo defesa do réu. Mas, qual o quê! E no 14 de nisan, pelas três da tarde, o crucificado expirou entre os outros dois condenados. Os amigos e simpatizantes da sua causa começaram a se dispersar. Uns, decepcionados: afinal, seu messianismo deu no quê? Outros estavam atônitos ainda. Uns mais se questionavam sobre as estratégias a serem usadas pelo grupo. Outros discutiam as causas políticas e religiosas decorrentes da ocupação romana e a convivência das autoridades... Fazer o quê?

Afinal, quase todos discutiam os acontecimentos... E, no caminho de Emaús, um desconhecido juntou-se a Cléofas e seu companheiro (cf Lc 24,13ss). O desconhecido, inteirado dos fatos, começou a fazer a sua re-leitura. A re-leitura era uma interpretação a nível da fé. Desfiando as Escrituras sagradas, foi-lhes interpretando todas as passagens que se referiam a ele. O coração dos dois vibrava. E Jesus - o educador primeiro da Fé - foi ensinando que as Escrituras falam sempre dele, de seu Pai e sobretudo do amor divino para com todos os homens e mulheres...

Um jogo de palavras: Educar para a Fé, educar a Fé, educar-se na Fé? As nuances do verbo "educar" pontualizam uma realidade psicopedagógica que só não é simultânea no período da infância. Neste estágio de vida, os pais - ou quem faz as vezes deles - são os primeiros educadores da Fé; depois, os catequistas, a comunidade e a própria Igreja. Depois, as

"Educar-se na Fé é um compromisso também existencial em dois planos"

variações do enfoque, na vida de um modo geral, são quase concomitantes.

Educar para a Fé é um conduzir por caminhos que têm Deus como

fonte e realização da história e da eternidade. A Fé, sem dúvida, é primeiramente um dom livre e gratuito do Pai - que é Amor. Todavia, ela precisa ser cultivada e desenvolvida. Quer dizer: educar para a Fé é ir(-se) acostumando alguém a pôr Deus dentro de todos os momentos de sua própria vida. Educar-se para a Fé é ir condicionando a vida para reconhecer Deus como razão de viver e ao mesmo tempo viver tendo Deus presente em todas as circunstâncias.

Educar a Fé é um processo catequético e de evangelização, onde se busca adequar sentimentos e temor de Deus de forma coerente. É bem mais um processo existencial que teórico ou científico (mesmo que seja teológico). Educar a Fé é dar consistência aos atos, decisões e comportamentos pessoais, tendo sempre presente o parâmetro radical: o Deus vivo e transcendente.

Educar-se na Fé é um compromisso também existencial em dois planos. A comunidade eclesial se educa na Fé pela prática religiosa do culto litúrgico, nas reuniões, nos grupos, nas manifestações comunitárias e no próprio testemunho. Educar-se na Fé é também resultado de uma ação pessoal e personalizada, em que - com ou sem auxílio de um diretor (educador) espiritual - o crente vai progressivamente interpretando sua vida segundo os próprios critérios de Deus, descobrindo as razões do seu existir.

A Fé não é um dado eterno e/ou inacabável. Sem dúvida, Deus é quem toma a iniciativa do chamado à Fé, pelo Batismo, na comunidade eclesial. Porém, o empenho pessoal - para o qual também se recebe a graça específica - é uma exigência imprescindível. Ela deve crescer diariamente no coração do crente. Entretanto, jamais é uma conquista definitiva, pois pode ser perdida, sobretudo por negligência. O crente - como escreveu alguém - em certo sentido nada mais é do que um ateu que se esforça cada dia por começar a crer; a Fé é um contínuo converter-se ao grande Outro, uma contínua entrega do coração a Deus, começando cada dia, de modo novo, a viver a estafante tarefa de esperar e amar.

Educar-se na Fé é um exercício salvífico que constantemente direciona a vida pessoal para o centro absoluto da felicidade: Deus. Educar-se na Fé ou para a Fé é um treino constante para reconhecer Deus como o Criador e Senhor de todas as coisas e pessoas. É um acostumar-se a viver confiantemente na Providência Divina enquanto se age como se tudo dependesse pessoalmente de nós. Educar-se na Fé é também reconhecer e aderir a Jesus, seu Filho Unigênito.

Educar-se e educar para a Fé é aprender a assumir a construção de si mesmo e da sociedade - *a Fé sem obras é morta!* (Tg 2,20) - com um caráter secular. Hoje, nossa única cidade é a da história (amanhã, nossa pátria será a cidade de Deus). Ela não é um regime de cristandade e nem tem por natu-

reza ser sacralizada. É vontade do Pai que ela tenha sua dimensão própria: ser "do século", para a felicidade histórica de todos. Tanto as pessoas quanto as comunidades são queridas por Deus como caminhos terrestres para o bem-estar histórico de todos enquanto peregrinos. E educar para a Fé é reconhecer este caminho e nele caminhar.

Ajudar a interpretar de modo permanente (*educere*) a história com os olhos e o coração de Deus é um serviço que os educadores da fé prestam às comunidades, às pessoas e a si mesmos. Neste sentido, Jesus é o paradigma maior. Dele partem todos os outros modelos. Reeducar os discípulos de Emaús através das Escrituras foi o seu método programático. Mas temos outra forma jesuânica de educar na Fé, extremamente significativa: é a oração do Pai-nosso.

2. JESUS EDUCA A FÉ PELO PAI-NOSSO

Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou os seus discípulos, pediram os apóstolos. E Jesus respondeu: Quando orardes, dizei assim: Pai... (cf Lc 11,1-4 e Mt 6, 7-13).

Por outras palavras, Jesus tanto ensinou a orar quanto educou os apóstolos através da oração. E levou-os da piedade à Fé. Do sentimento à história e a Deus... *Dizei assim: Pai nosso, que estais no céu! O seu e nosso Pai nos transcende, está para muito além de nós, mas é nosso Pai. Jesus começou a educar a Fé de seus discípulos por aquilo que é maior: Deus, o Pai. O Pai nosso! Dos irmãos e irmãs, seus e meus também! O Pai é o mistério maior. A Ele, a honra, a glória e o louvor.*

Santificado seja o vosso Nome: santifiquemos na terra o Nome daquele que vive no céu. Educar-se na Fé é ocupar-se com a santidade de Deus. Ele é o três vezes santo! Por isto, Jesus insiste, educando: Sede santos (perfeitos), como o vosso Pai celeste é santo! (cf Mt 5,48) Educar para a santidade é uma tarefa da Fé, que não pode ficar em pieguices, nem em espiritualidade desencarnada. Se Deus se inclina para o povo, de quem ouve os gemidos (cf Ex 3,7), então, quem crê profundamente, "santifica o nome de Deus" entre os irmãos ao imitar a misericórdia e a justiça do Pai, ao "buscar e salvar o que estava perdido" (cf Lc 19,10), e ao "amar como Jesus amou". Foi assim que Jesus educou os apóstolos. E eles o perceberam quando, após a Ressurreição, continuavam a rezar o Pai-nosso que Jesus lhes ensinara. Por isso, agiam em nome de Deus, tornando presente, entre todas as pessoas de boa vontade, o Reino de Deus.

O segundo pedido, *Venha a nós o vosso Reino*, também é educação na Fé. Se possível fosse, melhor seria dizer: venha a nós o vosso "Reinado". Aspirar ao reinado de Deus entre nós é preparar o coração - educar-se - para ser instrumento da manifestação

divina em nossa convivência social. Os critérios do reinado de Deus vão aparecendo na continuidade da oração. Mas, mais que um pio desejo, são as perspectivas práticas e condicionantes da Fé que Jesus, o educador, aponta aí: o reconhecimento do senhorio e dos direitos do Pai, o temor de Deus e a confiança filial. Pedir que Deus reine permanentemente entre nós significa educar-nos para recebê-lo com responsabilidade e amor. Significa também acolher e imitar o próprio Jesus - imagem visível do Deus invisível - que acolheu e proclamou exemplarmente o reinado do Pai.

O Jesus histórico do Pai-nosso é o mesmo que desde toda a eternidade é o Verbo/Palavra do Pai e estará para sempre à sua direita. Ele não só é o introdutor do reinado do Pai entre nós, como nos educa a viver nesse reino onde *os cegos deverão ver, os surdos deverão ouvir, os mudos falar e, sobretudo, deverá vigorar o Ano da Graça (cf Lc 4, 18-19)*, porque nós vamos aprendendo a nos amar como ele nos amou e nos mostrou o que é sentir-se amado pelo Pai.

Reinando o Pai, sua vontade celeste deve tornar-se efetiva na realidade terrestre. Educar para a Fé é ensinar a viver a vontade do Pai do céu já nesta terra, como Jesus a viveu. Ele centrou sua vida na vontade de Deus: *A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou (Jo 4,34)*. Por isso, não foi ele um omissor diante das coisas paternas, mas anunciou o reinado do Pai e o defendeu até o fim, mesmo que imediata e humanamente não tenha entendido tudo: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? (Mc 15,34)* Educar-se na Fé ou educar para a Fé é, pois, fundamentalmente, ir fazendo acontecer a vontade do Pai do céu aqui na terra a cada dia, como Jesus - que *se esvaziou de si mesmo (cf Fl 2,7)* para ser um com o Pai e conosco.

O *pão cotidiano para todos* é um sonho de Deus tantas vezes quebrado pelos homens e mulheres da terra. Jesus preocupou-se com o povo que não tinha o que comer, e mandou seus discípulos dar-lhes pão. Da mesma maneira, anteriormente Deus havia dado o maná a seu povo no deserto. Pela Igreja, Jesus continua repartindo o pão eucarístico para todos. Junto com o Pai, ele se preocupa com o pão da mesa de seus filhos e filhas todos; porém entrega a nós a responsabilidade de cultivar a terra e partilhar o grão colhido em abundância. O Pai, entretanto, não interfere na liberdade dos filhos e filhas - nem mesmo quando eles não pensam nos outros. O exemplo que Ele e o Filho nos dão

"Educar para a Fé é ensinar a viver a vontade do Pai do céu já nesta terra, como Jesus viveu"

é a solidária partilha. Como então ter Fé ou educar para a Fé se se pensa apenas no pão “meu”, ao invés do pão “nosso”? Rezar o Pai-nosso, pedindo *dai-nos hoje o pão de cada dia* não é de modo algum querer lembrar a Deus que esperamos de sua parte um milagre. É, isto sim, lembrar-nos, a nós mesmos, que no reinado do Pai, aqui na terra, onde *seu nome deve ser santificado*, é preciso produzir e repartir o pão para todos!

A piedade, que leva à Fé, percebe a falta de pão, de moradia, saúde, educação etc. Então, da piedade à Fé, o caminho só poder ser construído com a caridade - a virtude que jamais acabará. A caridade vivifica a Fé; sem aquela, esta é morta. Educar-se na Fé ou educar para a Fé, diante da falta de pão, é não tanto dizer isto a Deus, mas perceber que, no reinado do Pai, seus filhos e filhas não podem ficar sem pão, pois *até mesmo um copo d'água dado a um pequenino não ficará sem recompensa* (Mt 10,42). É preciso crer que o pão de todos é possível neste reinado divino, onde se faz a vontade do Pai.

Sem pão não se vive. Mas, o pão deve ser produzido como fruto do trabalho e repartido fraternalmente. Todavia, o pão sem reconciliação é pão indigesto. Todos devem poder comer o pão em paz e com espírito de solidariedade. Contrapõe-se a isto a falta de perdão entre os irmãos. *Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*: rezamos e declaramos ao mesmo tempo. Como educar a Fé, no reinado dos homens, onde tan-

contribui para o perdão com que Deus nos perdoa. Perdoar é condição para ser perdoado.

Educar-se para a Fé é aprender a aderir a Deus *de todo coração, com todas as forças, com todo o ser* (cf Dt 6,5). A adesão a Deus inclui o afastamento do mal e do Maligno. Ser pecador não inclui necessariamente praticar o pecado. Deus põe diante de nós - e o educador da Fé, diante do educando - o bem e o mal. O mal é um caminho, *cujas portas são largas* (cf Mt 7,13). A tentação para o mal é uma possibilidade efetiva do ser humano. Educar e educar-se na Fé, para *não cair em tentação*, é colocar toda a confiança no Pai. O Pai, cujo nome é santo, com seus anjos pode ajudar-nos a não cairmos em tentação. Sem dúvida, a tentação está hoje muito presente entre homens e mulheres não só no consumismo, na superficialidade, nas coisas do neo-liberalismo desta geração tão cheia de imediatismos. Só o Pai pode não deixar cair em tentação aqueles que se confiam nele, aqueles que se educaram para confiar nele, apesar de tudo.

Só o Pai pode livrar-nos também do mal e do maligno. Educar-se na Fé é também aprender a não esquecer as reais possibilidades de pecado e, por outro lado, abrir-se ao apelo para a perfeição. De resto, o educando na Fé sabe que só Deus pode radicalmente livrar-nos do mal e do Maligno. A vitória do Crucificado/Ressuscitado já é esta garantia pessoal e comunitária: o Pai pode livrar-nos do mal! Crer isto é mais do que dizer: Senhor, Senhor, *livrai-nos do mal*. Crer isto é deixar-se conduzir (*e-ducere*) na Fé, com a certeza de que só Deus salva por meio de seu Filho, na força do Espírito de Amor. Crer isto é viver. E viver para Deus e em Deus é ter a certeza de que Ele atende o pedido que vem das entranhas do coração: *livrai-nos do mal!*

As igrejas cristãs - com exceção da católica - concluem o Pai-nosso didascálico segundo Mateus com a doxologia: *pois vosso é o Reino, o Poder e a Glória para sempre*. Glosa ou não, parece-me que é bem próprio do espírito (educador) de Jesus esta tão significativa glorificação do Pai. Tudo na nossa Fé aponta para o Pai. Ele é a nossa realização, a nossa plenitude, a nossa razão de ser. Sem dúvida, “a glória de Deus é o homem vivo” (Santo Ireneu). Jesus, na última ceia, pede: *Pai, glorifica-me agora, como eu te glorifiquei...* (cf Jo 17,1ss) Na verdade, nós somos cristificados em seu Corpo cósmico e místico e por isso seremos glorificados pelo Pai. Quer dizer, sendo Cristo cabeça do Corpo, então tudo se transformará na glória do Pai. Conseqüentemente, reconhecer e tributar ao Pai o louvor, a honra e a glória é o resultado de uma Fé “educada”, amadurecida.

3. A FÉ AMADURECIDA

A Fé madura, educada, cresce pelo apelo das Escrituras sagradas, pois tudo revelam de Deus e de

“Educar-se na Fé é aprender a aderir a Deus de todo coração, com todas as forças, com todo o ser”

tas vezes o pão é só para alguns, sem reconhecer a ofensa à vontade do Pai, que quer o pão para todos? Jesus do Pai-nosso educa para a necessidade de pedir e dar o perdão às ofensas. A responsabilidade e maturidade nossas na Fé exigem o perdão às ofensas. Nós, não apenas como individualidade, mas também como comunidade ou povo, precisamos do perdão. O Pai nos ensina, por meio de seu Filho, a perdoar o “homem velho” que existe em nós: afinal, a culpa da Cruz também é nossa! Daí surge a lição maior de *perdoar a quem nos tem ofendido*. Mas, mais ainda: a santidade de Deus evidencia nosso pecado, nossas ofensas. A santidade de Deus expõe a pecabilidade nossa de filhos de Adão, mesmo que conviva em nós a filiação adotiva do Filho. Ter a coragem de pedir perdão e perdoar a quem nos ofendeu - além de reconhecermos-nos pecadores -

seu Filho, e do apreço divino aos homens e mulheres que testemunharam a glória de Deus por suas vidas de Fé. A Fé educada reconhece, enfim, que o ar que ela respira provém do Pai e do Filho, pelo Espírito, pois só se pode reconhecer e amar a Deus *porque Ele nos amou primeiro* (1Jo 4,19). É por isso que o crente - que se cultiva permanentemente na Fé - sempre dirá, no anseio de que a plenitude se cumpra: *Vem, Senhor (Marana tá)!*

A Fé - que se educa permanentemente - sabe que a Honra, a Glória e o Poder pertencem ao Pai. Mas percebe que no reino e na vontade dos da terra certas coisas são diferentes, antagônicas até. Por isso Jesus prevenira que seu reinado *não é deste mundo* (Jo 18,36). Isto quer dizer que até podem os poderes, as honras, e as glórias do reino desta terra parecer o sentido último das coisas. Todavia não é assim. Deus não dirige o poder da terra, mas *olha os soberbos de longe e se inclina para os humildes* (Sl 138,6), velando por seus filhos e filhas amados. O julgamento do reino da terra se realizará, e então *o que era loucura para os gregos e escândalo para os judeus, o Crucificado/Ressuscitado, se manifestará como a Sabedoria e a Força de Deus* (1Cor 1,23-24). O Cristo, vencedor da morte, e glorificado pelo Pai, é a

primícia dos que morreram (1Cor 15,20). Neste sentido é que o crente pode desafiar a própria morte, a "última inimiga": *Ó morte, onde está a tua vitória?* (1Cor 15,55)

Aqui, a lição (educação) da Fé se torna um esvaziar-se dos critérios do reino do mundo para plenificar-se de Deus, mesmo que se vejam só as cruzes cotidianas da vida. A certeza da Fé é a *garantia* (cf Hb 11,1) não só da nossa ressurreição no Senhor Jesus, mas é também a glória glorificante do Pai.

* O Autor é Doutor em Teologia e Professor de Missiologia, Patrística e Teologia Sistemática

Endereço do Autor:

*Pároco dos Sagrados Corações
rua Pres. Rodrigo Otávio, 1650
80040-230, Hugo Lange, CURITIBA, PR*

Fraternidade e Educação

Educação da Fé e Evangelização Inculturada

Desafios no Umbral de um Novo Tempo

*Agenor Brighenti**

INTRODUÇÃO

A Educação, tema da Campanha da Fraternidade da Igreja no Brasil para 1998, não se restringe a uma reflexão e ação em favor da educação formal ou informal. A Igreja, como um todo, é uma comunidade educativa (da fé), educanda e educadora, na medida em que evangeliza (*ecclesia docens*) e se deixa evangelizar continuamente (*ecclesia discens*).

Como toda verdadeira educação (*educere*=tirar de dentro), uma autêntica evangelização não se impõe. Ao contrário, segundo o modo de Deus, se propõe, numa relação de respeito pela alteridade. E, também, como toda revelação é recebida segundo o

modo de seus receptores (Tomás de Aquino), uma verdadeira evangelização implica um processo endógeno de assimilação sintética (não sincrética) do dado novo, a partir das matrizes da própria cultura. Em outras palavras, a uma educação da fé corresponde uma evangelização inculturada.

De modo especial na América Latina, pela trajetória original da Igreja no Continente durante o período do pós-concílio, concretamente no âmbito de uma educação inculturada da fé, apresentam-se desafios muito concretos. Só para citar alguns, a continuidade de um processo de evangelização inculturada implica em aprender a saber inovar, em saber des- construir e em saber reconstruir.